



EL DORADO: A INCORPORAÇÃO DO MITO NO ROMANCE HISTÓRICO LATINO-AMERICANO

Alceni Elias Langner¹
Gilmei Francisco Fleck²

RESUMO: No apogeu das navegações e colonizações espanholas na América, a corrida pelo ouro resplandeceu nos olhares de muitos expedicionários, sobretudo pela onírica existência do reino de Omágua e do mítico *El Dorado*. Movidas por essa lenda indígena de localização imprecisa, muitas expedições foram organizadas, às cegas, floresta Amazônica adentro. Entre estas está a jornada governada por Pedro de Ursúa (1559-1561). Nessa pesquisa de cunho bibliográfico, buscamos o tratamento dado ao mito *El Dorado*, tanto pelo revisionismo do discurso historiográfico, quanto por meio de suas representações no texto literário. Para tal, selecionamos três obras significativas do gênero romance histórico, de escritores latino-americanos: *El camino de El Dorado*, do venezuelano Uslar-Pietri (1947), *Lope de Aguirre: príncipe de la libertad*, do venezuelano Otero Silva (1979), e *Una lanza por Lope de Aguirre*, do argentino Jorge Ernesto Funes (1984). Ademais, esse estudo nos possibilita evidenciar diferentes modalidades do romance histórico, devido às peculiaridades de cada obra do *corpus*. Como aporte teórico, críticos como Hutcheon (1985), Aínsa (1991), Menton (1993), Esteves (1995) e Fleck (2007) são substrato.

PALAVRAS-CHAVE: *El Dorado*; Lope de Aguirre; Romance Histórico; Novo Romance Histórico Latino-americano; Metaficção Historiográfica.

ABSTRACT: During the peak of the great navigations and the Spanish colonization in America, the search for gold shone in the eyes of many colonizers, mainly over the oneiric existence of the Omágua Kingdom and the mythical *El Dorado*. Moved by this indigenous legend, whose location was unknown, many expeditions were blindly organized to the Amazon forest. Among these journeys, there is the one led by Pedro de Ursúa (1559-1561). In this biographical paper we look for the treatment given to the myth *El Dorado*, not only in the revisionism of the historical discourse, but also through its representation in the literary text. In order to make this happen, we have selected three important literary pieces from three Latin-American writers of the historical novel genre: *El camino de El Dorado*, by the Venezuelan Uslar-Pietri (1947), *Lope de Aguirre: príncipe de la libertad*, by the Venezuelan Otero Silva (1979), and *Una lanza por Lope de Aguirre*, by the Argentinean Jorge Ernesto Funes (1984). Furthermore, this study allows us to have an example of the different historical novel modalities due to the particularities of each novel. As theoretical support, critics like Hutcheon (1985), Aínsa (1991), Menton (1993),

Esteves (1995) and Fleck (2007) are an essential part of it.

KEYWORDS: *El Dorado*; Lope de Aguirre; Historical Novel; New Latin-American Historical Novel; Historiographic Metafiction.

INTRODUÇÃO

Conforme os registros históricos de Puente y Olea (1900), no tomo IV da obra *Los trabajos geográficos de la Casa de Contratación* (1900, p. 10), o início do século XVI é marcado por turbulências na coroa espanhola, como a morte do Príncipe D. Juan, seguida da morte da Rainha Isabel de Castilla, sua mãe, em 1504, desventura enfrentada também pela figura mais inspiradora da era das navegações, Cristóvão Colombo, em 1506.

A coroa seria de direito da princesa Joana, esposa de Felipe de Borgoña e mãe de Carlos V. No entanto, a herdeira é tomada pela loucura e julgada, pelas cortes de Castela, como incapacitada para tamanha responsabilidade. Por isso, a coroa só será estabilizada a partir da segunda década do mesmo século, quando Carlos V é nomeado imperador. Essa será, para as conquistas espanholas, uma era de avanços e preparação para o reinado de seu sucessor, Felipe II, o qual assumirá a coroa em 1556, nos prelúdios da expedição de Ursúa, cujos eventos nos dedicaremos a estudar no decorrer dessa pesquisa.

Em sua obra *El Viejo Mundo y el Nuevo (1492-1550)*, Elliott (1970) aponta duas relações estritas entre a América colonizada e a Europa colonizadora, as quais, para o autor, não podem ser dissipadas por nenhum dos lados, embora os traços culturais contemporâneos já não tenham mais essa asseveração quando nos referimos à literatura, por exemplo. Essas relações dizem respeito, primeiro, à transformação da América pela interferência do colonizador espanhol, e esse quesito abarca tanto a força abrupta das expedições quanto a clerezia e a doutrinação hegemônica que a igreja católica representou; segundo, a presença da América no Velho Mundo, e esse ponto diz respeito à relevância que a posse da colônia demandou nos esforços logísticos dos espanhóis, ponto que nos interessa observar com atenção.

*Desde 1492 el Nuevo Mundo ha estado siempre presente en la historia de Europa, aunque esta presencia se ha hecho notar de distinta forma en épocas diferentes. Por esta razón América y Europa no deben estar sujetas a un divorcio historiográfico, a pesar de que su interrelación es un tanto vaga antes de finales del siglo XVII.*³
(ELLIOTT, 1970, p. 20).

Essa relação é vista como vaga, segundo o autor, pelo fato de não existir um interesse significativo por informações do Novo Mundo na Europa no início do século XVI, a não ser pela troca de cartas e relações que acontecia diretamente com a coroa por parte dos Vice-Reis que governavam os territórios coloniais, os quais eram letrados e tinham entre suas atribuições o dever de coletar informações e enviá-las à corte. Embora os povos indígenas que habitavam a região do Peru e do México, Incas e Astecas, terem sido encontrados em meados do século XVI, somente nos anos finais do século XVII é que começam a ser publicadas obras importantes, com os relatos das maravilhas do Novo Mundo, como os *Comentarios Reales*, do Inca Garcilaso de la Vega (1609), fato que estreita informações entre os continentes.

É de se pensar, todavia, que governar uma colônia de dimensões dantescas como a América Latina não deve ter sido uma tarefa simples. Entretanto, a nível organizacional, o dinâmico poderio espanhol contava com algumas ferramentas muito eficientes que davam conta de suprir as necessidades das colônias, ao mesmo tempo em que se mantinha a ordem operacional das empreitadas ultramarinas e, principalmente, contabilizar as riquezas obtidas nas expedições organizadas. Uma delas era a Casa de Contratação, muito bem referenciada no romance *Lope de Aguirre: Príncipe de la libertad*, de Otero Silva (1979), o qual faz parte do *corpus* principal de nossa pesquisa. É por meio de um alistamento realizado nesse órgão que o vasco Lope de Aguirre, bem como outros soldados, iniciam sua jornada ao ainda inexplorado Novo Mundo.

Nos lindes historiográficos, essa casa surge em Sevilla, por volta de 1503, com base em um memorando de Francisco Pinelo, um dos organizadores da segunda viagem de Colombo, o qual aponta algumas finalidades que se resumiam em: “[...] *almacenarse todo lo que se enviara o llegara de las Indias, que debería estar regida por un factor, un tesorero y un contador, peritos en materias de comercio y navegación, para inspeccionar las flotas e instruir a las tripulaciones.*”⁴ (BURGOS ALONSO et al, 2003, p. 11). Essa demanda de trabalho fez com que se montasse um conselho, o qual, conforme Alonso et al (2003, p. 13), ganhou a nomenclatura de “*Real y Supremo Consejo de las Indias*”.

Nesse sistema também se abarca a criação dos vice-reinados, que eram a legítima representação da corte na colônia, mantendo toda a pompa e suntuosidade dos cerimoniais reais, espelhando, assim, o legítimo *alter ego* do rei: “[...] *Combinaba en su persona los atributos de gobernador y capitán general y era considerado también, en su papel de presidente de la Audiencia, como el principal representante judicial de la corona.* [...]”⁵ (BETHELL, 1990, p. 9). Pelas imensas regalias que se tinha ao ocupar o cargo, essa demanda chamou a atenção dos magnatas da corte. Por isso, os

escolhidos eram comumente nobres jovens e letrados.

Esse complexo sistema de governo foi muito eficiente para os interesses dos espanhóis na exploração dos recursos que a colônia dispunha. Como aponta Elliott (1970), apesar da ocorrência constante de problemas, a Casa de Contratação “[...] *servió para los propósitos para los que fue creada a miles de kilómetros de distancia de España.*”⁶ (ELLIOTT, 1970, p. 106).

Além de toda a estrutura político-governamental instituída, houve uma intensa colaboração do corpo eclesiástico espanhol na colonização. Isso se deu por meio da língua e da cultura, principais ferramentas utilizadas pelos padres a fim de doutrinar as civilizações e os povos sob o intuito de torná-los amigos e, assim, evitar conflitos. Mas, sobretudo, a Igreja também tinha outros interesses, conforme Elliott (1970, p. 102) explicita:

[...] *la conquista y colonización de América introdujeron todo un abanico de posibilidades, de las cuales unas fueron aprovechadas y otras no. Esto se puso de manifiesto especialmente en la esfera de las relaciones entre la Iglesia y el Estado. A primera vista, el descubrimiento de incontables millones de seres que vivían en una oscuridad espiritual parece que pudo haber ofrecido a la Iglesia extraordinarias posibilidades de recuperar su prestigio y su autoridad.*⁷

Desde os anos memoráveis da Inquisição, a igreja vinha mascarando suas atividades e participando, ativamente, das decisões de cunho político, regulamentando as produções literárias e científicas, sob as doutrinas do Santo Ofício. Entretanto, com a possibilidade de expandir seus domínios sobre uma terra repleta de heresias, era de se esperar que ali seria executado um trabalho metódico e incansável de colonização, por meio de benesses e mantimentos e, principalmente, por meio do medo e do castigo.

Nesse contexto da colonização, a escrita de relações numérica e cronologicamente detalhadas, auxiliava a coroa a prever e a pensar em soluções para empecilhos na dominação da colônia. Um exemplo disso são as *Cartas de Relações*, de Cortés (1519-1526), que tratam dos eventos da conquista do reino asteca. Porém, quando esses eventos eram isolados, não havia como tomar medidas diretas, como foi o caso da expedição de Ursúa, já que esses eventos se deram nas brechas da Floresta Amazônica.

Dessa forma, ao compreender o contexto que correlaciona a Espanha colonizadora e a América colonial, nos séculos XV e XVII, reiteramos nossa pretensão com essa pesquisa; remontar historicamente a configuração do mito *El Dorado*, e suas representações nos textos literários. Isso se efetua por meio de uma abordagem

aos romances históricos latino-americanos e a considerar, como *corpus* específico, algumas das obras que trazem como tema a jornada de Pedro de Ursúa (1559-1561) e a personagem Lope de Aguirre. As obras que correspondem a esse *corpus* são *El camino de El Dorado*, de Uslar-Pietri (1947), *Lope de Aguirre: príncipe de la libertad*, de Otero Silva (1979), e *Una lanza por Lope de Aguirre*, de Jorge Ernesto Funes (1984). Nas linhas subsequentes, dedicar-nos-emos a examinar os registros sobre as expedições que foram organizadas em busca desse tesouro mitológico, a fim de entendermos quais foram os sucessos e avanços de tão imprecisa empreitada.

O EL DORADO NA HISTORIOGRAFIA: A CORRIDA PELO OURO MITOLÓGICO

Na introdução à obra *El Dorado: Crónica de la expedición de Pedro de Ursúa y Lope de Aguirre*, de Vázquez (1987), o historiador Ortiz de la Tabla escreve que: “*En el mito de El Dorado confluyen realidades y fantasías, anhelos e intereses de diversos grupos humanos.*”⁸ (ORTIZ DE LA TABLA, 1987, p. 18). Esse excerto ganha substância quando o associamos ao fascínio que esse tesouro causava nos espanhóis do século XVI, pois, apesar de nunca visto, as descrições hiperbólicas que os índios *brasiles* narram aos espanhóis atíça a imaginação e a cobiça daqueles que estavam em uma corrida pelo ouro. (VÁZQUEZ, 1978, p. 47-48).

Quanto às expedições que precederam (ou sucederam) a jornada de Omágua, a obra de Vicens Vives, *Historia General Moderna* (1981, p. 236), apresenta-nos uma consistente lista com a relação dos colonizadores e governantes das expedições. Contudo, o autor também trata de outra questão: a busca desmedida pelas riquezas minerais, bem como especiarias, espalhados por todo o território conquistado, visto que, na Espanha, nesse período o ouro ganhara o *status* de luxo e ostentação.

Se de um lado tínhamos a alta sociedade espanhola, usufruindo das riquezas da colônia, do outro estava a mão trabalhadora, na qual figuravam os camponeses e agricultores espanhóis que haviam embarcado nas frotas organizadas pela Casa de Contratação. Conforme Mampel González e Escandell Tur (1981), no prólogo à obra *Lope de Aguirre: Crónicas (1559-1561)*, a parcela trabalhadora era “[...] *gente proveniente de los estratos con menor poder social y económico: soldados, plebeyos, segundones, gente desarraigada de su tierra; en resumen, hombres que nada perdían con su partida porque nada tenían que perder.*”⁹ (MAMPEL GONZALEZ; ESCANDELL TUR, 1981, p. II).

Conforme as autoras revelam, esses trabalhadores embarcaram na esperança de fazer riqueza no Novo Mundo, mas eram homens que viviam à margem; uma massa populacional que abarcava todo o contingente rebelde da Espanha. Muitos

deles eram enviados à colônia não tanto pela mão de obra, mas por um intento da coroa em eliminar qualquer espécie de desordem na sede, visto que esses homens eram aqueles justiceiros que lutavam por direitos para as classes menos abastadas. Tais inquietações, seguramente, estavam também presentes nas reflexões de nossa personagem, Lope de Aguirre.

Enquanto que na parcela que exercia o poder crescia a ânsia pelas riquezas e por explorar o máximo que a terra conquistada podia oferecer, na classe trabalhadora aflorava, cada vez mais, a ânsia por liberdade. O cenário no qual se encontram imersos os representantes dessa massa, constituído de trabalho árduo e de um ambiente muitas vezes hostil e inóspito, contribuía para que tal ideal libertário fosse escancarado, já que o *El Dorado*, que prometia riquezas inenarráveis, distanciava-se, cada vez mais, das mãos sedentas dos expedicionários.

Em um texto introdutório, Mampel González e Escandell Tur (1981), oferecem-nos uma rápida contextualização do que foi, o que representou e quais as consequências que a busca pelo mítico *El Dorado* ocasionou aos espanhóis. Contudo, é na obra de Bayo (1915), *Los caballeros del Dorado*, que encontramos um sólido revisionismo historiográfico a respeito das expedições organizadas em busca de tal tesouro.

Segundo a fonte mencionada, a primeira expedição foi organizada em 1537, por Gonzalo Jiménez de Quesada. Seu início se dá na cidade de Santa Maria, pelo Rio Magdalena, guiado por um índio chamado Pericón. Em regiões de mata densa enfrentam a fome, as feras selvagens, a imprevisibilidade do espaço geográfico, bem como o exotismo de uma flora milenar e desconhecida. Chegam à nação Chibcha, depois às esmeraldas de Somodonco e, então, à Tunja, mas sem grandes sucessos. A lenda indígena que os guiava mencionava que, em algum lugar naquelas regiões, “[...] *tenía el oro a montones como granos de maíz, y en cuyos dominios había una laguna sobre columnas de oro, con un templo en medio de aguas, al el príncipe acudía a hacer ofrendas en canoas cargadas de ricas preseas.*”¹⁰ (BAYO, 1915, p. 62).

Outra expedição foi organizada por Pedro de Heredia, a qual tem, para nós, um valor especial por ter sido a primeira expedição na qual a figura de Lope de Aguirre aparece, mesmo estando em segundo plano (BAYO, 1915, p. 99). A jornada inicia em Cartágena (1534), com destino à região habitada pelos Cenú e Pincenú, povos que, segundo as lendas correntes entre as tribos, tinham cemitérios cravejados em pedras preciosas e ouro, devido aos costumes de enterrar seus mortos com toda a riqueza que possuíam “[...] *en tal manera, que el Cenú venía a ser una vasta necrópolis de sepulturas auríferas* [...]”¹¹ (BAYO, 1915, p. 91-92).

A jornada subsequente aconteceu em 1538, governada por Juan Vadillo, o qual montou sua expedição perseguindo um famoso templo indígena, chamado Guaca, localizado nas montanhas Abibe. A missão, assim como as que a antecederam, foi um fracasso. Nesse ponto, já se colocava em dúvida a existência desse lendário reino escondido, devido às distintas formas como era mencionado entre as tribos indígenas: “[...] *Primero fué un santuario lleno de ídolos de oro, como la Guaca; después un templo del Sol cuajado de piedras preciosas, como el Dabaibe; ahora se concreta en un hombre, en un ‘rey dorado’.*”¹² (BAYO, 1915, p. 127-128)

Nesse sentido, percebemos que havia uma perspicácia das tribos indígenas ao narrar as lendas do *El Dorado* aos espanhóis, pois estes não ocultavam sua ganância. Esse ato de ludibriar os conquistadores é visto, por Mampel González e Escandell Tur (1981, p. V), como “[...] *la venganza silenciosa de los indios.*”¹³ Dentre as lendas narradas, a primeira delas e a mais conhecida e foi aquela descrita por Gonzalo Pizarro, em sua expedição realizada em 1542, a qual foi marcada pelo fracasso e pela traição de Francisco de Orellana.

Em síntese, conforme narra Bayo (1915, p. 28), o mito apresentava uma história de amor e desconfiança: o cacique de Guatavita suspeitava que sua esposa era adúltera. Ela, ao saber dos pensamentos do marido, deixa-se levar pela tristeza e se lança em um profundo lago. O marido tenta resgatá-las, mas é repreendido pela tribo, que afirma estar a mulher viva nas profundezas do lago. A partir de então, em todos os aniversários de sua amada, o cacique se banhava em pó de ouro e, resplandecente, procurava até faltar-lhe o fôlego pelo palácio encantado de sua mulher nas profundezas do lago, em busca de fazer com ela as pazes.

Conforme esses mitos ficavam populares, mais se ouriçavam os desejos dos espanhóis em descobrir essas riquezas. Por isso, mesmo após os fracassos já conhecidos, outros expedicionários foram movidos pela aventura ultramarina, assim como Hernán Perez de Quesada e Felipe de Hutten, ambos em 1541. Anos mais tarde, em 1560, inicia sua curta jornada o expedicionário Pedro de Ursúa. É dessa expedição que tratamos nessa pesquisa. Ursúa foi o responsável por organizar a expedição na qual se alistou a personagem Lope de Aguirre, conforme veremos adiante.

Com base nos dados apresentados por Bayo (1915), mesmo com os acontecimentos dessa última expedição, Martín de Proveda (1566) assume a ordem dada a Ursúa e retoma as buscas, as quais são continuadas ainda por Pedro Maraver de Silva e Diego de Serpa, em 1568. Deveras, após mais de meio século sem vestígios do *El Dorado*, um expedicionário sobrevivente de uma das expedições, chamado Juan Martins Albuja, ocupou-se em manter viva a lenda pelos seus relatos imaginativos. Dizia ele ter estado na região de Manoa e ter sido acolhido por *El Rey Dorado*. Isso

foi o suficiente para que, em 1595, Walter Raleigh, um alemão acolhido pela Coroa espanhola, dedicasse sua vida a procurar o lendário tesouro. No entanto, suas viagens não resultaram em nada além de uma obra epopeica, narrando peripécias fantasiosas encontradas na Amazônia.

Apesar das iguarias que o *El Dorado* prometia, sua localização nunca foi encontrada pelos espanhóis. Contudo, para o crítico espanhol Emiliano Jos (1928, p. 58), essas riquezas existiram. No entanto, não estavam nas terras espanholas, como se esperava, mas, sim, no território brasileiro, nas fabulosas minas de ouro e diamante de Minas Gerais. O que nos leva a pensar que, talvez, os índios *brasiles*, referidos na crônica de Vázquez (1987), realmente conhecessem o local exato dos minerais desejados, mas conheciam melhor ainda as brenhas da floresta amazônica e, sabendo dos perigos que um grupo de espanhóis despreparado enfrentaria naquelas florestas intransponíveis, uma ligeira alteração na rota os deixaria andando em círculos, sem nunca atingir o objetivo.

Acerca desse mito, perguntamo-nos como os romances latino-americanos o inserem na narrativa, se mantêm os constructos simbólicos formadores do mito, ou se descontroem essa ideia por meio de um narrador racional, ou ainda se mesclam interpretações entre diferentes imagens discursivas? Para elucidar isso, nas linhas que seguem, trazemos à baila três romances históricos, de distintas modalidades, e suas divergentes, ou não, formas com que empregam esse mito na narrativa.

O MITO DO *EL DORADO* NO ROMANCE HISTÓRICO LATINO-AMERICANO

De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2012 [1906], p. XIX), na obra *Dicionário de Símbolos*, os mitos são como “[...] composições de conjunto, epopeias, narrativas, gêneses, cosmogonias, teogonias, gigantomaquias, que já começam a deixar entrever um processo de racionalização. [...]”. Dessa forma, podemos compreender o mito do *El Dorado* como uma narrativa que foi racionalizada pelos espanhóis, não somente pela permissão que o contexto geográfico e suas características exóticas assentiam, mas, também, pela necessidade que tinham de crer que um lugar como o descrito pelos indígenas realmente existia.

Apesar da vasta distância entre o texto historiográfico e o literário, por meio do gênero romance histórico e suas diferentes modalidades, é possível reinventar a história de forma verossímil, utilizando recursos e ferramentas que o gênero adotou e desenvolveu ao longo dos anos. Nesse processo, o romance se apropria do discurso historiográfico e o revitaliza, de modo a atribuir novos matizes ao que era imutável. Conforme Fleck (2007, p. 150), “o passado torna-se, assim, exótico, e as regras de

ação mais claras e mais propícias a uma espécie de aventura pessoal, pois proporcionam um maior envolvimento do leitor com a matéria narrada.”

Nesse sentido, os romances históricos elencados nessa pesquisa, *El camino de El Dorado*, de Uslar-Pietri (1947), *Lope de Aguirre: príncipe de la libertad*, de Otero Silva (1979), e *Una lanza por Lope de Aguirre*, de Funes (1984), permitem-nos ilustrar algumas das modalidades do romance histórico, além de cumprir com o nosso objetivo que é o tratamento dado ao mito do *El Dorado* nessas narrativas.

O primeiro romance elencado, do venezuelano Uslar-Pietri, segundo o professor Esteves (1995, p. 32), é o que mantêm mais traços próximos ao modelo tradicional, já derivado do modelo clássico iniciado por Walter Scott, com *Waverley* (1814). Essa classificação dá-se pelo fato da obra romanesca manter uma narrativa onisciente, em terceira pessoa, que apenas reconta a jornada das crônicas, sem grandes alterações no cenário, no espaço-temporal, nos diálogos ou na configuração das personagens. Tais procedimentos com o material histórico inserido na ficção romanesca condiz com as características apontadas por Márquez Rodríguez (1991, p. 21) e Fleck (2007, p. 150-151), quando detalham a modalidade tradicional do gênero.

A primeira referência ao mito no romance ocorre logo no primeiro capítulo, “*La noche en Moyobamba*”, quando é mencionado em um diálogo entre o frei Pedro Portillo, o qual foi forçado a dispor de seu dinheiro para patrocinar a jornada, e Fernando de Guzmán, que viria a ser o segundo governador da missão, substituindo Pedro de Ursúa após sua morte:

– *Diga señor soldado, ¿son muchas las riquezas que se promete encontrar nuestro general? – El Perú y la Nueva España, no son nada, comparados con este reino de los Omaguas que vamos a conquistar. Muchos han oído su fama y algunos soldados han visto de lejos la maravillosa ciudad donde habita su rey. Figúrese su merced, que es tres o cuatro veces mayor que Sevilla, todos los techos son de oro, el rey se cubre todas las mañanas de una resina olorosa y sobre ella le espolvorean con canutos de uno volador. Cuando sale al sol encandila a los que lo miran.*¹⁴ (USLAR-PIETRI, 1967, p. 18).

Verificamos que o mito, especificamente nesse romance, é descrito de forma hiperbólica, entretanto, racional. A personagem Guzmán, como forma argumentativa, vale-se de comparações com signos reais para que seu discurso ganhe sentido na imaginação de Portillo para que, assim, ele compreenda, como uma verdade absoluta, a existência de tal riqueza. Esse método é empregado também em diversos momentos das crônicas, como uma espécie de ânimo para os soldados, visto que o insucesso era visível a cada dia.

O segundo romance, *Lope de Aguirre: príncipe de la libertad*, do também venezuelano Otero Silva (1979), qualifica-se na modalidade do novo romance histórico latino-americano, isso por trazer, em sua tessitura narrativa, elementos como o experimentalismo linguístico e formal, inserção de novos contextos e cenários – como a descrição da vida incógnita de Lope em Oñate, na Espanha, antes de sua partida para a América –, além da permissão dada à personagem de realizar passeio atemporal pós-órbita nas últimas páginas do romance. Tudo isso implica em uma releitura crítica e experimentalista da história pela ficção.

Sobre a modalidade do novo romance histórico latino-americano, Menton (1993), em *La nueva novela histórica de la América Latina, 1979-1992*, elenca as principais características dessa modalidade, antes já estabelecidas por Aínsa (1991), em uma longa lista de 10 peculiaridades. Essas foram sintetizadas na versão de Menton (1993, p. 42-46) e podem ser resumidas como segue:

*1 - La subordinación de la reproducción mimética de cierto período histórico a la presentación de algunas ideas filosóficas. 2- La distorsión consciente de la historia mediante omisiones, exageraciones y anacronismos. 3- La ficcionalización de personajes históricos, a diferencia de la fórmula de Walter Scott de incluir protagonistas ficticios. 4. La metaficción a los comentarios del narrador sobre el proceso de creación. 5. La intertextualidad. 6. Los conceptos bajtinianos de lo dialógico, lo carnavalesco, la parodia y la heteroglossia.*¹⁵

É com base nas características e definições desses críticos que podemos aproximar o romance de Otero Silva (1979) dos objetivos que os autores propuseram com essa modalidade do gênero. Para essa afirmação encontramos respaldo ainda em autores como Esteves (1995) e Tacconi (2013). No que se refere ao mito do *El Dorado*, a forma como o autor insere as informações são bem distintas do romance tradicional visto anteriormente. Na narrativa em questão, o autor insere uma carta, escrita por Lope de Aguirre a Dom Carlos invencível, este que foi imperador romano-germânico e também rei da Espanha (1516), até passar o trono para seu filho, Felipe II (1556).

Essa carta não existe nos registros historiográficos, como o próprio Lope escreve: “*sino por mostrar lo interior de mi ánima en aquesta escritura de una carta que en ningún tiempo Vuestra Majestad habrá de recibir.*”¹⁶ (OTERO SILVA, 1979, p. 126). Portanto, é puramente uma experimentação do autor com a personagem e com as técnicas escriturais de que a modalidade do novo romance histórico dispõe. Nesse texto, todavia, é que encontramos as informações detalhadas sobre o *El Dorado*:

[...] *Los indios platicaban no sé qué y sí sé qué: que pasados los Chunchos se alzaba una ciudad cuyas plazas las empedraba el oro en barras; que acá las vetas de plata empujaban por reventar las costuras de la tierra; que acullá se abrían serenas praderas y ríos cristalinos que diríanse espejos del paraíso terrenal. Tres veces encandelóme la ilusión de los Chunchos y otras tantas partíme a conquistar indios y fundar pueblos en servicio de Vuestra Majestad, y de todas torné a mi casa descalabrado, tras haber sufrido por la cual causa los más crudos sinsabores que al corazón humano cábele padecer[...].*¹⁷ (OTERO SILVA, 1979, p. 119).

O texto, revela a personagem – embora ela parta com a expedição em busca do *El Dorado* – como um ser consciente e racional, que compreendeu a qualidade de mito à existência do reino dos Omáguas, tanto que Lope de Aguirre usa termos como “ilusão”, ao referir-se às expedições em que participou. A localização dessa carta na obra, logo na primeira parte, intitulada “*Lope de Aguirre: el soldado*”, já situa o leitor a respeito da consciência de quem a escreve, por preceder todos os acontecimentos da jornada. Nesse sentido, o Lope que se inscreve na expedição de Ursúa, em 1959, não está em busca de riquezas desde o início da expedição, informação que o romance de Uslar-Pietri não revela, pois preserva a narrativa das crônicas e, nelas, Lope passa a ser personagem principal apenas após a morte de Ursúa.

A terceira obra elencada, do argentino Jorge Ernesto Funes (1984), *Una lanza por Lope de Aguirre*, identifica-se com as características atribuídas à modalidade da metaficção historiográfica, conforme as definições de Hutcheon (1985, p. 92-93) e Fleck (2007, p. 161-162). A diegese apresenta apenas um fio narrativo que se mescla entre a composição estrutural do texto e o diálogo. Nesse sentido, estaria frente a uma “metaficção historiográfica plena”, ou seja,

[...] uma narrativa extremamente difusa, anacrônica, metaficcional na qual a “história (re)contada” cede a maior parte do espaço à narrativa de “como essa história se narra e se narrou”. [...]. **A todo momento é explicitado ao narratário que a voz enunciativa tem conhecimento** – e, mais importante, vale-se dele – **acerca dos processo de criação estético-literários, compreendendo que a linguagem é um construto humano. [...] O diálogo do narrador com o narratário é constante e a autoconsciência da voz enunciativa é explícita e recorrente durante toda a narrativa.** (ALBUQUERQUE; FLECK, 2015, p. 49 – grifos dos autores).

Essas prerrogativas da “metaficção historiográfica plena”, defendidas pelos

autores, ficam ilustrados na forma como as duas personagens, Lope de Aguirre e o autor-personagem – e nesse caso o próprio Funes – constroem o texto: cada referência e capítulo são discutidos previamente e estruturados pela personagem Lope. O autor-personagem, Funes, atua como uma espécie de mediador, que comenta e insere novas referências e intertextos no decorrer do diálogo: “*Usaremos para componer esta crônica tan original, la forma del diálogo, [...] Para poner un poco de orden seguiremos a un solo cronista y hemos de elegir a Francisco Vázquez, [...] Como historioador, nos quedaremos con Emiliano Jos.*”¹⁸ (FUNES, 1984, p. 25).

Fleck (2007, p. 162) chama-nos, também, a atenção para alguns romances que se encontram no limite entre as modalidades do novo romance histórico latino-americano e da metaficção historiográfica. Ao considerarmos as condições existenciais de Lope na obra, como um espírito encarnado, atemporal e ainda responsável pela criação de um texto totalmente paródico, podemos ver o romance além desse limite existente – dadas as características da obra –, e, assim, classificá-lo na categoria das metaficcões historiográficas – e, como é composto por apenas um fio narrativo extremamente metaficcional, atribui-se, ainda a ele, o adjetivo “plena”, de acordo com os estudos dos autores mencionados.

Nesse romance, já é compreensível que a forma de abordagem ao mito do *El Dorado* será distinta das demais, dada a criticidade atrelada à metaficção historiográfica (HUTCHEON, 1985, p. 94). No terceiro capítulo da obra, “*Una lanza por Lope de Aguirre*”, já fica estabelecido o caráter mitológico empreendido à jornada. Assim, tanto o Lope autor, do presente, quanto o Lope personagem, das crônicas revisitadas, os quais se entrecruzam entre os dois tempos, estão conscientes do mito,

[...] *Y sentimos tal deseo, porque se advierte que la gritería de los acusadores, y también sus terribles confesiones, las de él, se van haciendo en el tiempo de una mitológica jornada, tan grandiosa por la espantable geografía que transcurre, cuanto por las pasiones y violencias humanas que en ella debió enfrentar y vencer ese capitán*[...].¹⁹ (FUNES, 1984, p. 19).

O fato da própria personagem Aguirre poder recontar a sua histórica, com um senso crítico apurado, revela lacunas da crônica de Vázquez ([1562]2007) – a qual é escolhida como referência – e que nenhum dos outros romances conseguiu aprofundar. A missão da jornada, por exemplo, é questionada por Aguirre e comparada à uma viagem suicida, pela forma como foi organizada, além de já existir um histórico de fracassos nas buscas do mito, conforme evidenciam as descrições anteriores deste trabalho:

*Cronista amigo: ¿Por qué se ordenó esta jornada que me tocó cumplir, sabiéndose todo lo que de ella se sabía, como acabas de escuchar? ¿Podía acaso esperarse de ella algún feliz suceso? ¿Y también con qué plan entonces, muchos de los que fuimos, llegamos a ella?*¹ (FUNES, 1984, p. 29).

O discurso indagador de Lope nos remonta ao desejo incansável dos espanhóis na busca pelo ouro, buscas estas que foram a causa de muitos fracassos, mortes e desilusões quanto à existência de algo tão fantástico. Javier Ortiz de la Tabla (2007, p. 19) escreve que nem tudo foi dourado na história dos descobrimentos americanos. Salvo o conhecimento geográfico proporcionado pelas expedições e a conquista do México e Peru, os resultados dos tesouros foram muito mais parcos do que o imaginado.

Com base nas considerações feitas a respeito dos três romances abordados, podemos perceber a configuração distinta com que o mito do *El Dorado* é tratado em romances históricos latino-americanos. Essa configuração, ora fiel à história, ora verossímil ou desconstruída, contribui aos estudos sobre o gênero e suas diferentes modalidades, pois permite ampliar o espaço imaginativo e questionador.

Nesse sentido, torna-se crucial e relevante a experimentação originada dos estudos literários voltados para as releituras dos textos historiográficos, não apenas pela possibilidade da criação de um simulacro verossímil, o qual nos possibilita uma visão panorâmica da história, mas pela perspectiva ficcional de resgatar das crônicas e relações os discursos que foram emudecidos e as vozes que foram suprimidas. Por fim, reiteramos a proficuidade de que se valem os estudos de críticos literários como Aínsa (1991), Menton (1993), Esteves (1995), Fleck (2007) e Albuquerque e Fleck (2015), abordados nessa pesquisa, em perceber os aspectos intra e extratextuais que afloram no romance histórico e as possibilidades que essa produção nos oferece como vias de descolonização para a América Latina.

NOTAS

¹ Graduado em Letras – Português/Espanhol pela Universidade Federal da Fronteira Sul (Campus Realeza-PR). Aluno do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade, Nível de Mestrado, da Unioeste (Campus Cascavel); Atuante na linha de pesquisa Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados. Integrante do grupo de pesquisa “Resignificações do passado na América Latina: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”, coordenado pelo Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck. Colaborador do projeto de extensão “Estudos das teorias contemporâneas de análise literária - segunda fase”, vinculado ao PELCA – Programa de Ensino de Literatura e Cultura/PROEX-Unioeste-Cascavel. Aluno bolsista da CAPES. (alcenilang@hotmail.com)

- ² Professor Associado da UNIOESTE/Cascavel na Graduação e Pós-graduação em Letras nas áreas de Literatura e Cultura Hispânicas. Pós-doutor em Literatura Comparada e Tradução pela UVigo/ Vigo-Espanha, com bolsa da CAPES, Doutor em Letras pela UNESP/Assis. Coordenador do PELCA: Programa de Ensino de Literatura e Cultura e coordenador do projeto de pesquisa “Ressignificações do passado na América: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção— vias para a descolonização”. (chicofleck@yahoo.com.br)
- ³ Nossa tradução livre: Desde 1492 o Novo Mundo esteve sempre presente na história da Europa, ainda que esta presença se fez notar de diferente forma em épocas diferentes. Por essa razão América e Europa não devem estar sujeitas a um divórcio historiográfico, apesar de que sua interrelação é um tanto vaga antes de finais do século XVII.
- ⁴ Nossa tradução livre: [...] armazenar tudo o que se enviasse ou chegasse das Índias, que deveria estar regida por um fator, um tesoureiro e um contador, peritos em matérias de comércio e navegação, para inspecionar as frotas e instruir as tripulações.
- ⁵ Nossa tradução livre: [...] Combinava em sua pessoa os atributos de governador e capitão geral e era considerado também, em seu papel de presidente da Audiência, como o principal representante judicial da coroa. [...].
- ⁶ Nossa tradução livre: [...] serviu para os propósitos para que foi criada a milhares de quilômetros de distância da Espanha.
- ⁷ Nossa tradução livre: [...] a conquista e colonização da América introduziram um leque de possibilidades, das quais umas foram aproveitadas e outras não. Isto se manifestou especialmente na esfera das relações entre a Igreja e o Estado. À primeira vista, o descobrimento de incontáveis milhares de seres que viviam em uma escuridão espiritual parece que pode haver oferecido à Igreja extraordinárias possibilidades de recuperar seu prestígio e sua autoridade.
- ⁸ Nossa tradução livre: No mito do El Dorado confluem realidades e fantasias, anseios e interesses de diversos grupos humanos.
- ⁹ Nossa tradução livre: Ou seja, pessoas provenientes de estratos com menos poder social e econômico: soldados, plebeus, segundões, pessoas desarraigadas de sua terra; em resumo, homens que nada perdiam com sua partida porque nada tinham a perder.
- ¹⁰ Nossa tradução livre: [...] tinha ouro aos montes como grãos de milho, e em cujos domínios havia uma lagoa sobre colunas de ouro, com um templo em meio às águas, e ao príncipe toca-lhe fazer oferendas em canoas carregadas de grandes oferendas.
- ¹¹ Nossa tradução livre: [...] de tal maneira, que Cenú vinha a ser uma vasta necrópole de sepulturas auríferas [...].
- ¹² Nossa tradução livre: [...] Primeiro foi um santuário cheio de ídolos de ouro, como a Guaca; depois um templo do sol cravejado de pedras preciosas, como o Dabaíbe; agora se concretiza em um homem, em um rei dourado.
- ¹³ Nossa tradução livre: [...] a vingança silenciosa dos índios.
- ¹⁴ Nossa tradução livre: – Diga senhor soldado, são muitas as riquezas que promete encontrar nosso general? – O Peru e a Nova Espanha, não são nada, comparados com este reino dos Omaguas que vamos conquistar. Muitos ouviram sua fama e alguns soldados viram de longe a maravilhosa cidade aonde habita seu rei. Imagine sua mercê, que é três ou quatro vezes maior que Sevilla, todos os tetos são de ouro, o rei se cobre todas as manhãs em uma resina olorosa e sobre ela pulverizam com bicos de uma ave. Quando sai ao sol, encanta aos que observam-no.

- ¹⁵ Nossa tradução livre: 1 – A subordinação da reprodução mimética de certo período histórico até a apresentação de algumas ideias filosóficas. 2- A distorção consciente da história mediante omissões, exagerações e anacronismos. 3- A ficcionalização de personagens históricos, diferentemente da fórmula de Walter Scott de incluir protagonistas fictícios. 4. A metaficção aos comentários do narrador sobre o processo de criação. 5. A intertextualidade. 6. Os conceitos Bakhtinianos do diálogo, a carnavalização, a paródia e a heteroglossia.
- ¹⁶ Tradução de Rubia Prates Goldoni e Sergio Molina (1988, p. 48): [...] para abrir minh'alma nesta carta que jamais Vossa Majestade haverá de receber.
- ¹⁷ Tradução de Rubia Prates Goldoni e Sergio Molina (1988, p. 38): [...] Os índios falavam de não sei o quê e bem sei o quê, que passando os chunchos erguia-se uma cidade cujas praças eram empedradas com outro em barra; que ali os veios de prata empurravam as costuras da terra até arrebenta-las, que acolá abriam-se serenas pradarias e rios tão cristalinos que dir-se-ia serem espelhos do paraíso terreal. Por três vezes a ilusão dos chunchos deslumbrou-me e outras tantas vezes parti para conquistar índios e fundar povoações a serviço de Vossa Majestade, e de todas elas retornei à minha casa arruinado, depois de ter sofrido por aquela causa os mais duros dissabores que cabe ao coração humano padecer [...].
- ¹⁸ Nossa tradução livre: Usaremos para compor esta crônica tão original, a forma de diálogo, [...] Para inserir um pouco de ordem, seguiremos somente um cronista, Francisco Vázquez, [...]. Como historiador, ficaremos com Emiliano Jos.
- ¹⁹ Nossa tradução livre: [...] E sentimos tal desejo, porque adverte-se que a gritaria dos acusadores, e também suas terríveis confissões, as dele, vão sendo feitas no tempo de uma mitológica jornada, tão grandiosa pela espantosa geografia que transcorre, quanto pelas paixões e violências humanas que nela teve que enfrentar e vencer esse capitão [...].
- ²⁰ Nossa tradução livre: Cronista amigo: Por que se ordenou esta jornada que me tocou cumprir, sabendo-se tudo o que já sabia-se dela, como acabas de ouvir? Podia acaso esperar-se dela algum sucesso? E também com que plano então, muitos dos que fomos, chegamos a ela?

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, A. B. de; FLECK, G. F. *Canudos. Entre o multiperspectivismo de Vargas Llosa (1981) e a mediação de Ailton Fonseca (2009)*. Curitiba: CVR, 2015.
- AÍNSA, F. La nueva novela histórica latinoamericana. *Plural*, México, v. 240, p. 82-85, 1991.
- BAYO, C. *Los caballeros del Dorado*. vol I. Madrid: Clásica Española, 1915.
- BETHELL, L. *Historia de América Latina*. Trad. Antonio Acosta. Barcelona: Editorial Crítica, 1990.
- BURGOS ALONSO, M. et al. *Andalucía en la Historia: 500 años de la Casa de Contratación*. Vol I. n 2. Andalucía: Fundación Centro de Estudios Andaluces, 2003.
- CHEVALIER, J. GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva. 26 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2012.

- CORTÉS, H. *Cartas de relación*. Paris: Imprenta Central de los Ferro-carriles, 1866.
- ELLIOTT, J. H. *Viejo Mundo y el Nuevo (1492-1550)*. Trad. Rafael Sánches Matero. Madrid: Alianza Editorial, 1970.
- ESTEVES, A. R. *Lope de Aguirre: da história para a literatura*. São Paulo: FFLCH-USP, 1995. Tese (Doutorado em Letras).
- FLECK, G. F. *A conquista do "entre-lugar": a trajetória do romance histórico na América*. Gragoatá (UFF). v. 2. sem, p. 149-167, 2007.
- FUNES, J. E. *Una lanza por Lope de Aguirre*. Buenos Aires: Platero, 1984.
- HUTCHEON, L. *Uma teoria da paródia*. Trad. Teresa Louro Pérez. 70 ed. Rio de Janeiro: Methuen & Co, 1985.
- JOS, E. *La Expedición de Ursúa a El Dorado y la Rebelión de Lope de Aguirre*. Huesca, Imprenta V. Campo, 1927.
- OTERO SILVA, M. *Lope de Aguirre: El príncipe de la libertad*. Caracas: Biblioteca de Ayacucho, 1985. p. 97-324.
- MAMPEL GONZÁLEZ, E.; ESCANDELL TUR, N. *Lope de Aguirre: crónicas 1559-1561*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1981.
- MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, A. *Historia y ficción en la novela venezolana*. Caracas: Monte Ávila, 1991.
- MENTON, S. *La Nueva Novela Histórica de la América Latina: 1979-1992*. México: Editora do Fondo de Cultura Económica, 1993.
- TACCONI, M. C. *Historiografía y ficción en nuevas novelas históricas argentinas*. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, 2013.
- PUENTE Y OLEA, M. *Los trabajos geográficos de la Casa de Contratación*. Sevilla: Escuela Tipográfica e Librería Salesianas, 1900.
- VÁZQUEZ, F.; ORTIZ DE LA TABLA, J. (introdução). *El Dorado: crónica de la expedición de Pedro de Ursúa y Lope de Aguirre*. Madrid: Alianza, 2007.
- VICENS VIVES, J. *História General Moderna*. Barcelona: Ediciones Vicens Vives, 1981.